

A ESTRUTURA DO DP NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CASO DA EXTRAÇÃO DE *DE-PHRASES*

Adeilson Pinheiro SEDRINS (Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada)

RESUMO: Discutimos neste trabalho o contraste de extração entre *de-phrases* genitivos e típicos adjuntos adnominais no português brasileiro, apresentando a proposta de estrutura do DP para essa língua, conforme defendida em Sedrins (2009). Assumimos a divisão do DP em domínios prolíficos como em Grohmann (2000, 2003), Grohmann & Haegeman (2002) e Ticio (2003) e argumentamos que uma posição [Spec, FP], acima da projeção DP, é uma posição disponível no PB para *stranding* do *de-phrase*. Não obstante, assumimos a restrição de *Localidade* como proposta em Manzini (1994), como uma restrição operante na extração de constituintes para fora da construção nominal. Atribuímos ao contraste de extração entre genitivos e típicos adjuntos o fato de esses dois tipos de *de-phrases* serem de natureza distinta.

PALAVRAS-CHAVE: Sintagma de Determinante. Extração de *de-phrases*. Restrição de Localidade.

1. Introdução

No português brasileiro (PB), entre os sintagmas preposicionados introduzidos pela preposição *de* que expandem sintagmas nominais, podemos encontrar um grupo específico com interpretação semântica de *tema*, *agente* ou *possuidor*, a que iremos nos referir como genitivos. Além desse grupo, podemos encontrar ainda sintagmas preposicionados referidos tradicionalmente como adjuntos adnominais, entre os quais, podemos encontrar aqueles com interpretação de *matéria*, *origem/procedência*. Esses dois grupos são exemplificados em (1) e (2), respectivamente:

- (1) a. A destruição [GENITIVO TEMA da cidade]
b. A intervenção [GENITIVO AGENTE do governo]
c. O livro [GENITIVO POSSUIDOR/AGENTE da Maria]
- (2) a. A estante [ADJUNTO DE MATÉRIA de madeira]
b. O homem [ADJUNTO DE ORIGEM/PROCEDÊNCIA de São Paulo]

Uma propriedade que distingue esses dois grupos de *de-phrases* é a possibilidade de realização do genitivo, mas não do adjunto, de ser realizado pela forma pronominal *seu/sua*, como mostram os exemplos a seguir:

- (3) a. A destruição [_{tema} do edifício] foi um pesadelo pro João.
b. A sua destruição (= destruição do edifício) foi um pesadelo pro João.
- (4) a. O seminário [_{agente} do João] foi um sucesso.
b. O seu seminário (= seminário do João) foi um sucesso.
- (5) a. A casa [_{possuidor} da Maria] está em reforma.
b. A sua casa (= casa da Maria) está em reforma.

- (6) a. A casa [_{matéria} de madeira] está em reforma.
b. *A sua casa (= casa de madeira) está em reforma.
- (7) a. O amigo [_{origem/procedência} de São Paulo] telefonou para Maria.
b. *O seu amigo (= amigo de São Paulo) telefonou para Maria.

O foco da discussão neste trabalho é o contraste de extração entre *de-phrase* genitivo e *de-phrase* adjunto, verificado no PB, como o apresentado nos exemplos abaixo:

- (8) *De quem* o João rasgou o livro ? (extração de genitivo – *possuidor/agente*)
- (9) *De que artista famosa* o João rasgou as fotos? (extração de genitivo – *tema*)
- (10) **De que/de que material* o João quebrou a estante ? (extração de adjunto)
- (11) **De que ano* o João rasgou o livro do Chomsky? (extração de adjunto)

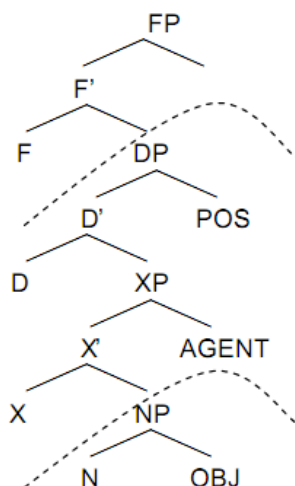
Contraste como os apresentados em (8)-(11) são discutidos em Sedrins (2009), onde propomos que as restrições de extração de constituintes para fora do domínio nominal podem ser capturadas pela noção de restrição de *Localidade* como apresentada em Manzini (1994). Em linhas gerais, essa restrição não permite que um movimento cruze uma projeção máxima, o que força o movimento de constituintes a ser bastante local, de forma similar ao que se tem verificado para o movimento de núcleo-a-núcleo nas línguas naturais (cf. Restrição sobre Movimento de Núcleo em TRAVIS, 1984).

A questão central neste trabalho a ser discutida é: por que é possível extrair livremente sintagmas genitivos no PB, mas não sintagmas que são tradicionalmente considerados típicos adjuntos adnominais. A seguir, apresentamos, em resumo, a proposta delineada em Sedrins (2009) que nos permitirá tecer algumas hipóteses sobre essa questão.

2. A estrutura do DP no PB

Segundo proposto em Sedrins (2009), a estrutura do sintagma de determinante no PB apresenta a seguinte arquitetura:

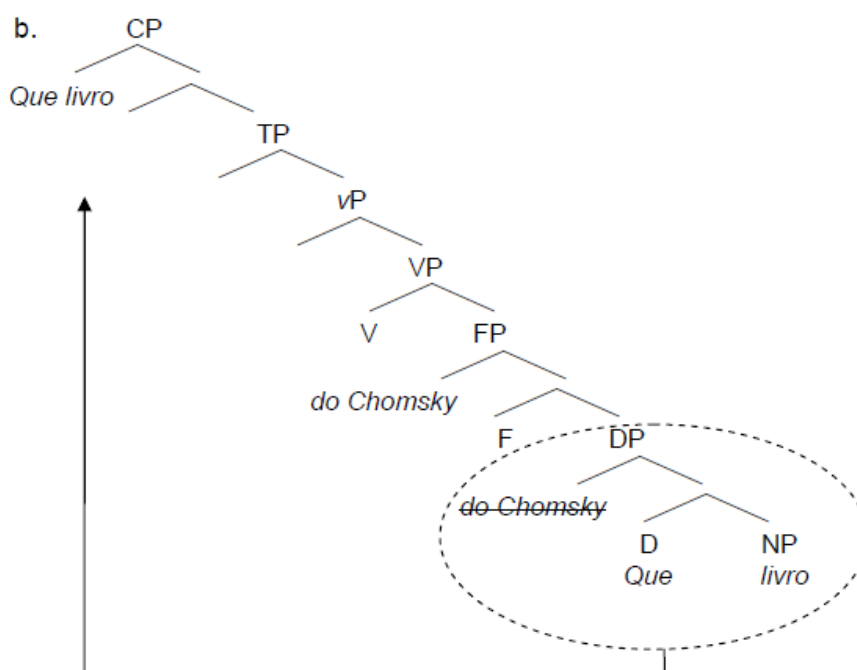
(12)



A arquitetura em (12) é baseada na estrutura de DP apresentada em Grohmann (2000, 2003), Grohmann & Haegeman (2002) e Ticio (2003) para outras línguas naturais. Nela, a posição OBJ é a posição em que o genitivo com interpretação de *tema* é gerado; AGENT é a posição em que o genitivo com interpretação de *agente* é gerado; POS é a posição em que o genitivo com interpretação de *possuidor* é gerado. Sintagmas tradicionalmente classificados como típicos adjuntos, como os de *matéria* e *origem/procedência* seriam projetados em posição abaixo daquela em que o *agente* é gerado, provavelmente um caso de adjunção a NP.

A projeção FP, entre outras funções, acomodaria o sintagma preposicionado movido antes do movimento do DP remanescente para o início da sentença, como ocorre em sentenças como a apresentada em (13).

(13) a. Qual livro (que) você leu do Chomsky?



A postulação de uma posição acima de DP é defendida em outros trabalhos para acomodar tanto a disposição de elementos dentro do sintagma nominal, quanto para acomodar contrastes de extração de elementos em posição na periferia do DP. É uma posição que hospeda sintagmas possuidores topicalizados em línguas como o holandês e outras línguas germânicas, por exemplo (cf. GROHMANN, 2003; GIUSTI, 1996) e permite acomodar contrastes de extração de possessivos prenominais entre línguas como o húngaro e o grego, de um lado, em que a extração é possível, e algumas línguas germânicas, em que a extração não é possível (HAEGMAN, 2004).

Como especulação para a motivação do movimento de constituintes, no PB, para a posição [Spec, FP], Sedrins (2009) sugere que esse movimento pode ser uma forma de “defocalização” do genitivo, por exemplo. Como no PB o foco recai geralmente para o elemento mais à direita da sentença, o movimento do genitivo para [Spec, FP] seria uma forma de “perda” da leitura de foco para o elemento mais à direita da sentença. (14) e (15) a seguir apresentam, respectivamente, exemplos em que o genitivo é realizado na posição em que é projetado e na posição derivada, esta última corroborada pela presença do advérbio *ontem* entre *o livro* e *do Chomsky*. Note-se que no caso em que o genitivo está na posição

[Spec, FP], como na construção em (15), não é possível obter a leitura de foco para o genitivo, como mostra a agramaticalidade de R2.

(14) A Maria leu o livro do Chomsky.

(15) A Maria leu o livro ontem do Chomsky.

(16) De que autor a Maria leu o livro ontem?

R1: A Maria leu o livro do Chomsky (ontem).

R2: *A Maria leu o livro ontem do Chomsky.

Após o sumário das ideias centrais do trabalho de Sedrins (2009), passemos a seguir à questão central sobre o contraste de extração entre *de-phrases* genitivos e típicos adjuntos adnominais.

3. Extração de *de-phrases* adjuntos

Retomando o que já dito na introdução deste trabalho, *de-phrases* adjuntos são resistentes à extração, como pode ser verificado nas construções abaixo.

(17) **De que/de que material* o João quebrou a estante?

(18) **De onde/de que estado* o João encontrou o amigo?

(19) **De que ano* o João leu o texto do Chomsky?

Apesar de serem resistentes à extração, esses adjuntos podem ser movidos juntamente com o nome modificado para o início da sentença, mesmo na presença de um genitivo:

(20) Que texto [de 86] o João leu do Chomsky?

Outro ponto pertinente é que a presença de um adjunto não interfere na extração de um genitivo:

(21) *De quem* o João leu um texto de 86?

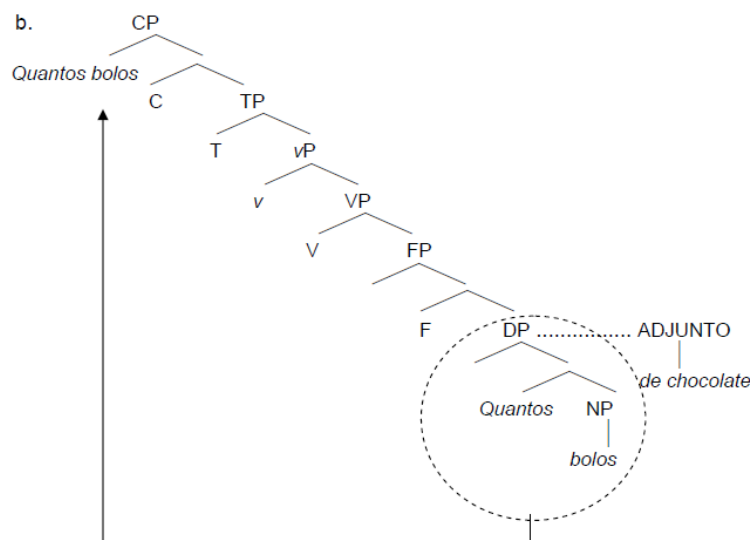
Baseados nessas propriedades, podemos resumir nossa proposta para dar conta dos dados em (17) – (21), nas afirmações a seguir:

(a) *de-phrases* adjuntos são concatenados ao DP sem rotulação obrigatória (Hornstein & Nunes, 2008). Isso explica por que o adjunto pode ficar “encalhado” no fim da sentença, após o movimento do DP para o início da sentença:

(22) Que texto do Chomsky você leu de 86?

(23) *De quem* você leu um texto de 86?

(24) a. Quantos bolos o João comeu de chocolate?



(b) *de-phrases* adjuntos são concatenados em posição abaixo de DP.

(c) Não têm natureza nominal (são de natureza adjetiva ou preposicional)

(d) Genitivos, diferentemente de típicos adjuntos, apresentam uma natureza nominal, sendo manipulados na sintaxe com verdadeiros DPs.

(e) D, assim como T no nível da sentença, apresenta um traço EPP, o qual deve ser satisfeito por uma categoria nominal (um genitivo). Um adjunto, por ser de natureza adjetiva ou preposicional, não pode ocupar, então, [Spec, DP] e, como é gerado abaixo de DP, para ser extraído teria de alcançar [Spec, FP], cruzando DP, violando a condição de *Localidade*.

Assim, a impossibilidade de adjuntos de *matéria*, por exemplo, checarem o traço [EPP] de D pode estar relacionada ao fato de que, diferente de construções genitivas, que são manipuladas na sintaxe como verdadeiros DPs, esses adjuntos são manipulados como verdadeiros PPs, ou como itens de natureza adjetiva. Vamos assumir que esse também seja o caso do adjunto de *origem/procedência*, entre outros. Uma evidência para o tratamento diferenciado entre as construções genitivas e os adjuntos adnominais de *matéria* e *origem* pode ser verificada diacronicamente em relação ao uso da preposição *de*. Como verificou Poggio (2002), originalmente, a preposição *de* no português era usada para indicar as relações de *matéria* e *origem*, e apenas gradativamente o uso dessa preposição foi estendido para introduzir outros adjuntos do nome. Dessa forma, além da marcação casual, haveria a necessidade do uso da preposição para delinear a noção de *matéria* e *origem*, indicando que além do papel de um mero realizador de Caso, a preposição *de* em tais contextos exerceria mais alguma função (provavelmente relacionada a papel temático). Se este for o caso, não seria improvável postular que essa preposição, diferente do que ocorre com construções genitivas, já está introduzindo o adjunto quando este é concatenado à estrutura.

Translinguisticamente, podemos verificar que a relação de *matéria* e *origem* dentro de sintagmas nominais é realizada de forma distinta de como são realizadas as construções genitivas. Tomando-se como exemplo construções nominais no inglês, vemos que nessa língua as construções genitivas em forma de PP são introduzidas pelo elemento funcional *of* (de), enquanto que a relação de *origem* é obtida através do uso da preposição lexical *from*:

- (25) a. The destruction *of* the city
“A destruição da cidade”
b. The man *from* São Paulo
“O homem de São Paulo”

A relação de *matéria* dentro do sintagma nominal no inglês, por outro lado, tanto pode se dar com o uso do elemento funcional *of*, como mostrado em (26a), ou com uma forma adjetiva (26b):

- (26) a. The cake *of* chocolate
“O bolo de chocolate”
b. The *chocolate* cake
“O bolo de chocolate”

Essas formas distintas de realizar os adjuntos de *matéria* e de *origem* podem ser tomadas como evidência de que não estamos lidando com construções semelhantes a construções genitivas. Como os dados do inglês sugerem, no caso do adjunto de origem, parece estarmos lidando com um verdadeiro PP, e no caso do adjunto de *matéria* com uma forma tipicamente adjetiva. Assim, em ambos os casos, podemos sugerir que não estamos lidando com categorias de natureza de um DP que sejam capazes de checar o traço [EPP] de D.

Em resumo, a agramaticalidade resultante da extração de adjuntos adnominais de *matéria* ou de *origem*, no PB, parece estar atrelada à impossibilidade de esses modificadores entrarem em relação de checagem com o traço [EPP] de D. Dessa forma, sem necessidade de movimento desses adjuntos para [Spec, DP], seu movimento para [Spec, FP] viola a condição de localidade, uma vez que esse movimento não se daria entre dois domínios mínimos adjacentes.

4. Conclusões

A fim de responder à questão central colocada na introdução deste trabalho, para dar conta do contraste de extração entre um *de-phrase* genitivo e um *de-phrase* adjunto, duas ideias centrais foram indispensáveis: (i) movimentos se dão de forma bastante local. O movimento de constituintes para fora do domínio nominal respeita a condição de Localidade (um *de-phrase* deve se mover de especificador em especificador); (ii) o contraste de extração entre genitivos e típicos adjuntos no PB deve-se, principalmente, à natureza categorial desses constituintes e, por isso, esses dois tipos de *de-phrases* não participam de mesmas relações de “checagem” dentro do DP.

Referências

- GIUSTI, G. Is there a TopP and a FocP in the noun phrase? **University of Venice working papers in linguistics**. 6 (1), pp. 105-128. 1996.
- GROHMANN, K. **Prolific domains**: on the anti-locality of movement dependencies. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- GROHMANN, K.; HAEGEMAN, L. Resuming reflexives. Paper presented at the **19th Scandinavian conference of linguistics**. Universitetet i Tromsø. 2002.
- HAEGEMAN, L. DP-periphery and clausal periphery: possessor doubling in West Flemish. In: ADGER, D.; De CAT, C.; TSOULAS, G. **Peripheries**: syntactic edges and their effects. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2004. pp. 211-240.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J. Adjunction, labeling and bare phrase structure. **Biolinguistics**. 2.1., 57-86. 2008.
- MANZINI, M. R. Locality, minimalism and parasitic gaps. **Linguistic Inquiry**. n. 25, 481-508.
- POGGIO, R. M. G. F. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português**: uma abordagem funcionalista. Salvador: EDUFBA, 2002.
- SEDRINS, A. P. **Restrições de extração de argumentos e adjuntos de nome no português brasileiro**. Maceió, 2009. Tese de doutorado, UFAL.
- TICIO, M. E. **On the structure of DPs**. Connecticut, 2003. Doctoral dissertation, University of Connecticut.